

O IMPACTO DO ENSINO NORTE-AMERICANO NA FORMAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS NO BRASIL (1929-1961)


The impact of american education on librarian training in Brazil (1929-1961)


Salim Silva Souza

Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Instituto Federal de Sergipe, Aracaju, SE, Brasil

salmilas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9968-9925> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Objetivo: Apresentar a aplicação do modelo norte-americano de ensino, inspirado pela Escola Nova, na formação do Curso de Biblioteconomia e Documentação no Brasil entre 1929 e 1961, analisando seus impactos tanto na formação técnica dos bibliotecários quanto na adaptação desse modelo à realidade brasileira.

Método: Trata-se de uma pesquisa exploratória, fundamentada na abordagem da Nova História Cultural e conduzida por meio de métodos qualitativos. A análise baseia-se em documentos históricos e relatos de experiências, com foco nos conceitos de memória, representação e identidade. Além disso, destaca-se a influência das disciplinas filosófica, social e psicológica na formação biblioteconômica. A amostra inclui estudos de caso e revisões bibliográficas de fontes relevantes ao desenvolvimento do curso no Brasil.

Resultado: A pesquisa identifica que o modelo norte-americano transformou significativamente a formação de bibliotecários no Brasil, promovendo uma prática multidisciplinar que foi incorporada ao curso de Biblioteconomia. Os resultados apontam para a importância da adaptação desse modelo às especificidades locais, criando um diálogo entre a formação técnica internacional e as realidades brasileiras. As fases evolutivas do ensino de Biblioteconomia no país refletem esse esforço de equilíbrio entre influências externas e contextos internos.

Conclusões: O estudo contribui para uma compreensão mais ampla da internacionalização da educação biblioteconômica no Brasil, destacando o papel do ensino norte-americano como catalisador de mudanças na formação de profissionais do setor. Essa pesquisa permite, ainda, uma reflexão sobre a adaptação de modelos estrangeiros ao contexto brasileiro e suas implicações para a evolução do ensino superior no país.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteconomia. História da Educação. Modelo norte-americano. Escola Nova. Educação superior.

ABSTRACT

Objective: To present the application of the American educational model, inspired by the New School, in the formation of the Library Science and Documentation Course in Brazil between 1929 and 1961, analyzing its impacts both on the technical training of librarians and on the adaptation of this model to the Brazilian reality.

Method: This is an exploratory study, based on the approach of the New Cultural History and conducted using qualitative methods. The analysis is based on historical documents and experience reports, focusing on the concepts of memory, representation, and identity. Additionally, the influence of philosophical, social, and psychological disciplines on library science education is highlighted. The sample includes case studies and literature reviews of relevant sources on the development of the course in Brazil.

Results: The research identifies that the American model significantly transformed librarian training in Brazil, promoting a multidisciplinary practice that was incorporated into the Library Science course. The findings highlight the importance of adapting this model to local specificities, creating a dialogue between international technical training and Brazilian realities. The evolutionary phases of library science education in the country reflect this effort to balance external influences with internal contexts.

Conclusions: The study contributes to a broader understanding of the internationalization of library science education in Brazil, highlighting the role of American education as a catalyst for changes in professional training in the field. This research also allows for reflection on the adaptation of foreign models to the Brazilian context and their implications for the evolution of higher education in the country.

KEYWORDS: Library Science. History of Education. American model. New School. Higher Education.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo apresentar a aplicação do modelo norte-americano de ensino, inspirado pela Escola Nova, na formação do Curso de Biblioteconomia e Documentação no Brasil entre 1929 e 1961, analisando seus impactos tanto na formação técnica dos bibliotecários quanto na adaptação desse modelo à realidade brasileira. Esse período foi marcado por profundas transformações políticas, sociais e econômicas, impulsionadas pelo crescimento industrial e urbano. Nesse contexto, a educação passou por mudanças significativas, pautadas na defesa do ensino universal, livre e aberto. Para compreender a evolução da Biblioteconomia nesse cenário, é fundamental analisar a historiografia do curso no Brasil, considerando as influências externas e os desdobramentos do modelo educacional adotado.

Para nortear este estudo, foi utilizado o respaldo da Nova História Cultural, uma corrente historiográfica que enfatiza a centralidade do conceito de cultura, compreendida em sua polissemia e complexidade, para a interpretação dos processos históricos. Segundo Barros (2011), essa abordagem ultrapassa os objetos e processos tradicionais, estabelecendo diálogos interdisciplinares com áreas como Antropologia, Linguística, Psicologia e Ciência Política. No campo da Biblioteconomia, essa perspectiva permite articular os conceitos de memória, representação e identidade, fundamentais para compreender a historicidade da profissão e sua formação no Brasil.

Dentro desse contexto, Le Goff (1996) defende que a memória é um elemento central na construção das identidades individuais e coletivas, sendo constantemente reformulada pelos processos históricos. No Brasil, a formação dos bibliotecários foi influenciada por diferentes modelos educacionais ao longo do século XX, sendo, inicialmente, impactada por tradições europeias e, posteriormente, pelo modelo norte-americano. As instituições de ensino não apenas democratizavam o acesso à memória social, mas também atuavam como veículos para a incorporação de métodos e paradigmas estrangeiros. A partir da década de 1930, a influência norte-americana se intensificou,

introduzindo um ensino mais pragmático e técnico, alinhado às demandas da modernização do país.

Complementando essa visão, Delgado (2010) enfatiza que a memória não é um repositório fixo do passado, mas sim uma construção contínua, constantemente permitida, atualizada e renovada no tempo presente. Embora os fatos históricos permaneçam imutáveis, sua interpretação é influenciada pelo contexto de quem os analisa. Dessa forma, a adoção do modelo educacional norte-americano na formação dos bibliotecários brasileiros não ocorreu de maneira homogênea, mas passou por um processo de ressignificação e adaptação à realidade local.

Nesse sentido, Le Goff (1996) também destaca que os documentos escritos desempenham duas funções essenciais: armazenar informações, garantindo a comunicação ao longo do tempo e espaço, e servir como mecanismo de memorização e registro para o ser humano. No estudo histórico da Biblioteconomia no Brasil, essa perspectiva torna-se crucial, uma vez que os registros documentais foram fundamentais para a consolidação de métodos e práticas pedagógicas que estruturaram a formação dos bibliotecários. A análise desses documentos permite compreender como as influências externas foram incorporadas e modificadas ao longo do tempo, moldando a identidade da profissão no país.

Conforme Souza (2009), no início do século XX, no Brasil, pouco se conhecia sobre a ciência da Biblioteconomia e seu potencial para a sociedade. O autor destaca que esse desconhecimento se manifestava em um contexto no qual os serviços de informação e a organização do conhecimento eram subvalorizados, refletindo uma visão tradicional das bibliotecas como meros repositórios de livros. Nesse cenário, a formação dos profissionais e a implementação de práticas inovadoras na área ocorreram de forma lenta, devido à resistência à mudança, à limitada infraestrutura e à escassez de investimentos em pesquisa e desenvolvimento.

Com o tempo, as transformações sociais e culturais impulsionaram a ressignificação do papel das bibliotecas, ampliando sua função para além do armazenamento e apoio à educação formal. A influência norte-americana contribuiu para essa mudança ao introduzir um modelo de ensino mais voltado para a administração de bibliotecas, serviços de referência e organização da informação. A Biblioteconomia passou a ser reconhecida como uma ciência capaz de democratizar o acesso à informação, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento científico e cultural. Sua boa aplicação requer do profissional bibliotecário o domínio de um conjunto de

conhecimentos filosóficos, históricos, sociais e psicológicos, tornando sua prática uma atividade multidisciplinar e não apenas um exercício técnico de descrição e localização de documentos. Dessa forma, o pensamento de Souza (2009) evidencia a trajetória evolutiva da área, que passou de um reconhecimento limitado para se tornar um campo estratégico fundamental para o desenvolvimento social e econômico do país.

Embora não exista um consenso da divisão da história do ensino de Biblioteconomia no Brasil¹, alguns estudiosos apontam três fases principais, segundo Fonseca ([196-]) e Souza (1987): a fase inicial, marcada pela influência europeia e pela criação dos primeiros cursos ligados a instituições de ensino superior; a fase de consolidação, caracterizada pela estruturação curricular e institucionalização da profissão no país; e a fase de modernização, com a introdução de novas tecnologias e metodologias de ensino.

Por outro lado, autores como Castro (2000) e Mueller (1985) propõem uma divisão em cinco fases: o período precursor, no qual a formação era baseada em modelos estrangeiros; a institucionalização, com a criação dos primeiros cursos formais; a expansão, impulsionada pela necessidade de profissionais qualificados em diferentes regiões do país; a reformulação curricular, incorporando novas abordagens pedagógicas e tecnológicas; e a contemporaneidade, marcada pela interdisciplinaridade, digitalização da informação e ampliação do papel do bibliotecário na sociedade.

O desenvolvimento curricular desses períodos refletiu as influências educacionais dominantes. Os primeiros cursos foram moldados por tradições europeias, enquanto a adoção do modelo norte-americano introduziu mudanças estruturais no ensino da Biblioteconomia no Brasil.

Os primeiros currículos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil, sob forte influência europeia, priorizavam disciplinas voltadas para a catalogação, classificação e organização documental, seguindo modelos preconizados por bibliotecários europeus, especialmente os belgas e franceses. A documentação, como área de estudo, teve grande impacto nesse período, incorporando abordagens sistemáticas para indexação e recuperação da informação. O enfoque era técnico e instrumental, enfatizando a importância dos registros bibliográficos e dos métodos padronizados de organização de acervos. Além disso, as disciplinas voltadas para a História do Livro e da Biblioteconomia refletiam a tradição europeia de valorização do patrimônio bibliográfico e da preservação documental.

¹ Para saber mais sobre a divisão do ensino de Biblioteconomia consultar Castro (2000).

Com a adoção do modelo norte-americano, especialmente a partir da influência de instituições como a Universidade de Columbia e a American Library Association (ALA), os currículos passaram a incluir disciplinas mais voltadas para a gestão de bibliotecas, serviços de referência e formação do usuário. A abordagem pragmática trouxe ênfase na administração de unidades de informação, na biblioteconomia escolar e universitária e na adaptação das bibliotecas às necessidades sociais. Além disso, a inclusão de estudos sobre comportamento informacional e desenvolvimento de coleções ampliou a visão do profissional bibliotecário, tornando sua atuação mais dinâmica e integrada às demandas da sociedade. Esse modelo consolidou um ensino mais estruturado e alinhado com o crescimento das bibliotecas públicas e acadêmicas no Brasil.

Para servir como referencial teórico, a pesquisa foi baseada na cronologia publicada por Castro (2000) que traça o período entre os anos de 1929 à 1961 como o predomínio, consolidação e expansão do modelo pragmático norte-americano.

2 METODOLOGIA

Esta investigação adota uma abordagem exploratória com o objetivo de reunir dados e informações sobre o tema proposto. De acordo com Vieira (2002), essa metodologia visa explorar problemas ou situações para gerar compreensão, utilizando técnicas como estudo de caso, observação informal, análise histórica e levantamento de fontes bibliográficas e documentais. Foram consultadas publicações acadêmicas especializadas e bases de dados, possibilitando um levantamento das influências educacionais e metodológicas no desenvolvimento do curso de Biblioteconomia no Brasil, além de identificar as tendências, marcos e correntes pedagógicas que moldaram a formação dos profissionais da área.

O levantamento de fontes bibliográficas e documentais, primeira etapa do processo metodológico, foi realizado com base nas recomendações de Vieira (2002), que sugere a consulta a publicações especializadas e bases de dados para aprofundar o conhecimento sobre o tema. Para isso, foram exploradas plataformas acadêmicas como SciELO, *Google Scholar* e outras dedicadas à Ciência da Informação e Educação, com o intuito de reunir livros, artigos, dissertações e teses sobre a evolução e as mudanças curriculares no curso de Biblioteconomia. Prodanov e Freitas (2013) ressaltam a importância dessa etapa para

compreender as referências teóricas e os princípios que orientam a formação acadêmica da área, essencial para uma análise crítica dos dados coletados.

O estudo de caso foi uma das metodologias escolhidas para aprofundar a compreensão do fenômeno educacional. Segundo Flick (2013), o estudo de caso permite explorar as especificidades de um determinado contexto, proporcionando uma visão detalhada sobre as práticas pedagógicas e os modelos de ensino que influenciam a formação dos profissionais. Nesta pesquisa, o estudo de caso envolveu o levantamento e a análise das primeiras instituições de ensino superior que ofereceram o curso de Biblioteconomia no Brasil, permitindo identificar os principais marcos e mudanças curriculares que ocorreram ao longo do tempo. Além disso, foi realizada uma análise histórica que considerou as influências internacionais, como os modelos educacionais norte-americanos e europeus, e sua adaptação ao contexto brasileiro, conforme discute Mazucato (2018), que destaca como as práticas pedagógicas de diferentes regiões impactaram o desenvolvimento do ensino superior no Brasil.

A partir da análise das fontes e documentos levantados, foi possível identificar as principais tendências e correntes pedagógicas que influenciaram o desenvolvimento do curso de Biblioteconomia no Brasil. Mazucato (2018) destaca a importância de compreender as correntes pedagógicas no contexto educacional, pois elas são determinantes para a formação dos futuros profissionais e para a adaptação das práticas pedagógicas às necessidades da sociedade. Essa etapa envolveu a análise das correntes pedagógicas tradicionais e contemporâneas que moldaram a prática educativa na Biblioteconomia, como as influências do ensino norte-americano e europeu, e sua adaptação ao Brasil.

3 INFLUÊNCIA EUROPEIA NO ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA

O primeiro curso de Biblioteconomia na América Latina, ocorreu no Brasil em outubro de 1910, criado por ocasião das comemorações aos cem anos da Biblioteca Nacional (BN). Durante esse período, houve a abertura da edificação especialmente construída para abrigá-la após ter passado todo este tempo em prédios improvisados. O responsável pela organização foi o então diretor da Biblioteca Nacional, Manoel Cícero

Peregrino da Silva (1866-1956)² “[...] um gestor que atestava o caráter identitário da Biblioteconomia enquanto ensino e profissão, embora ainda não tivesse sido regulamentada a profissão de bibliotecário” (Silva, 2012, p. 36). O autor ainda acrescenta que:

[...] o curso oferecido pela BN tinha uma grande perspectiva de capacitar profissionais que tivessem grandes atributos intelectuais e soubessem relacionar as percepções técnicas, como, por exemplo, o conhecimento do acervo e sua organização... e mecanismo para melhor atender ao público (Silva, 2012, p. 37-38).

Souza (2009, p. 47) argumenta que o curso implantado pela Biblioteca Nacional visava “consolidar um projeto da elite dominante”, mantendo “a Biblioteca Nacional em condições comparáveis àquelas mais importantes da Europa”. Essa fase inicial foi marcada pela liderança da Biblioteca Nacional e pela influência do modelo educacional europeu, especialmente o francês, que priorizou a formação de bibliotecários capazes de aliar a técnica com uma visão humanística.

Um aspecto relevante desse período foi a promoção da ideia de universalidade do conhecimento, defendida por Paul Otlet (1866-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943)³. Ambos acreditavam que a catalogação e a organização documental deveriam conectar todas as áreas do saber, criando uma rede global de informações. Em sua obra *Traité de Documentation*, Otlet (1934) delineou os princípios fundamentais da documentação, incluindo a necessidade de organizar o conhecimento de forma sistemática e interconectada, influenciando profundamente a prática biblioteconômica e documental na Europa e em outras partes do mundo.

La Fontaine, por sua vez, contribuiu com sua visão sobre a disseminação global de informações e o desenvolvimento de um sistema universal de arquivamento, em consonância com o movimento de internacionalização do conhecimento. Sua proposta de criação de um Repertório Bibliográfico Universal, elaborada em parceria com Paul Otlet, demonstrava uma clara intenção de padronizar a organização da informação em escala global.

² Formado em Direito, o pernambucano Manoel Cícero Peregrino da Silva foi o gestor da Biblioteca Nacional entre os anos 1900 e 1924, antes havia sido bibliotecário da Faculdade de Direito de Recife (1889-1900). Foi prefeito interino do Rio de Janeiro (1918-19). Entre 1926 e 1930, foi o quarto reitor da Universidade do Rio de Janeiro, depois UFRJ e presidente do IHGB (1938-39). (Juvêncio, 2016; Silva, 2012).

³ Paul Marie Gislain Otlet e Henri Marie La Fontaine nasceram em Bruxelas e graduaram-se em Direito pela Université Libre de Bruxelles e se destacaram no ramo da Documentação, Biblioteconomia e Bibliografia (Juvêncio, 2016).

Para La Fontaine, a bibliografia não era apenas uma técnica de catalogação, mas um instrumento essencial de intercâmbio intelectual e promoção do progresso internacional, antecipando preocupações atuais sobre o acesso equitativo ao conhecimento. (Para uma lista completa das obras consultadas e registradas na Library of Congress, ver Apêndice A).

De acordo com Juvêncio (2016, p. 18), essa visão ampliou as possibilidades de organização e disseminação do conhecimento humano, lançando as bases da área de Documentação⁴. Essa fase finalizou entre os anos 1928 e 1929 dando início a influência do modelo norte-americano com a liderança do Instituto *Mackenzie College*⁵, em São Paulo, tendo uma forte influência do pragmatismo tecnicista norte-americano, seguindo uma linha mais voltada para a eficiência operacional, que durou até a década de 1960.

Nesse período, as escolas de biblioteconomia estavam mais preocupadas em resolver as necessidades organizacionais específicas da Biblioteca Nacional e do Instituto Mackenzie College do que em formar profissionais para atuar em outros tipos de bibliotecas, como aponta Castro (2000).

4 INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA NA BIBLIOTECONOMIA (1929-1939)

No Brasil, a Escola Nova, foi trazida, em 1882, por Rui Barbosa (1849-1923)⁶, e teve como um dos principais representantes desse movimento o filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey (1859-1952) com o discurso de que a escola deveria oferecer situações em que o aluno a partir da observação (ver) e experimentação (fazer) pudesse elaborar seu próprio conhecimento, por meio de um ensino intuitivo. Esta proposta enfatizou o aprendizado prático e experiencial, em contraposição ao método tradicional de memorização.

Serviria de base à disseminação de valores e normas sociais em sintonia com os apelos da nova sociedade moderna, constituída a partir dos preceitos do trabalho produtivo e eficiente, da velocidade das transformações, da interiorização de normas de comportamentos otimizados

⁴ Otlet e La Fontaine criaram entre os anos de 1904 e 1907 a Classificação Decimal Universal (CDU) com base na Classificação Decimal de Dewey (CDD), criada em 1876 pelo bibliotecário americano Melvil Dewey. A CDU é até hoje utilizada pelas bibliotecas e permite maior especificidade no momento da classificação de documentos (Juvêncio, 2016).

⁵ Fundada em 1870 como Escola Americana, por George Whitehill Chamberlain e sua esposa Mary Annesly, adotava o modelo pedagógico norte americano. Atualmente chama-se Universidade Presbiteriana *Mackenzie* (Castro, 2000).

⁶ Ruy Caetano Barbosa de Oliveira foi um político, jornalista e escritor baiano, membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

em termos de tempos e movimentos e da valorização da perspectiva da psicologia experimental na compreensão “científica” do humano (Vidal, 2011, p. 498).

Conforme Souza (2009), o pragmatismo norte-americano exerceu grande fascínio sobre os intelectuais brasileiros, inclusive aqueles com formação sólida europeia. Muitos professores e estudiosos brasileiros que visitaram ou estudaram nos Estados Unidos ficaram com a estrutura educacional daquele país.

O modelo pedagógico norte-americano já havia sido visto também em 1904, pelo professor Oscar Thompson (1821-1935)⁷ quando, em visita aos Estados Unidos, participou da Exposição Internacional de St. Louis de onde trouxe exemplares da cartilha *The Arnold Primer*, de Sarah Louise Arnold, que ele, posteriormente, traduz e adapta para a língua portuguesa. Thompson, volta ao Brasil convencido das enormes vantagens de organizar a formação do magistério nos moldes americanos e de aplicar o método de ensino analítico adotado naquele país e põe em prática quando se torna Diretor-Geral da Instrução Pública de São Paulo (Warde, 2000).

Thompson, assim como outros intelectuais da época, ansiava uma ampla aplicabilidade dos moldes de ensino norte-americanos no território brasileiro, conforme descrito:

[...] até a década de 20 do século XX, o grupo do qual Thompson fazia parte investiu em muitas frentes para não só constituir o sistema público de ensino paulista e influenciar diretamente na constituição dos sistemas de ensino em outros estados da federação, como também para difundir a ideia de que a nova ordenação social só seria conquistada se fosse operada a mudança intelectual e moral em cada indivíduo (Warde, 2000, p. 42).

Nos anos seguintes surgiu o movimento liderado por Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando Azevedo (1894-1974) e Lourenço Filho (1897-1970) em torno de uma Escola Nova, com a preocupação com a democratização da escola, harmonização dos interesses individuais e coletivos e com o andamento da produtividade e apoiadas pelas ideias de John Dewey, conforme Nunes (2010, p. 19) de “[...] que o pragmatismo deweyano forneceu a Anísio Teixeira (1900-1971) um guia teórico que combateu a improvisação e o autodidatismo, permitiu-lhe operacionalizar uma política e criar a pesquisa educacional no país”.

⁷ Paulista, formado em Ciências Jurídicas e Sociais, foi diretor da Escola Normal de São Paulo. Fez parte de várias empresas comerciais e foi eleito diretor do Instituto de Café em São Paulo e, depois do Conselho Nacional do Café, no Rio de Janeiro.

Os princípios norteadores da Escola Nova no Brasil ganharam força durante o ano de 1930, principalmente após a elaboração e publicação, em 1932, do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Este documento foi um marco desse movimento, traçando diretrizes para uma política educacional moderna, influenciada pelas descobertas das Ciências Sociais, da Psicologia e de novas técnicas pedagógicas, com base no comentário de Figueira (2010):

Este documento, que representa as aspirações de modernização na área educacional do período, influenciadas pelas descobertas provenientes das Ciências Sociais, da Psicologia e das técnicas pedagógicas, traçava as diretrizes de uma nova política educacional permeada por uma concepção de educação natural e integral do indivíduo que, ao mesmo tempo, em que respeita a personalidade de cada um considera que ele é um ser social e tem por isso deveres para com a sociedade, como trabalho, cooperação e solidariedade (Figueira, 2010, p. 27).

Esse novo modelo pedagógico defendia a necessidade de se colocar o educando no centro das reflexões escolares, recomendando, assim, uma escola mais livre e dinâmica, respeitando a individualidade do mesmo, sem reprimir sua originalidade e tendo como base a aprendizagem na experiência e participação ativa nas coisas e fatos.

Outro intelectual influente naquele momento, Monteiro Lobato (1882-1948)⁸, chamou a atenção dos brasileiros para o modelo das bibliotecas norte-americanas, quando esteve realizando excursões pedagógicas nos anos 1928 e 1929 na cidade de Nova York. (Nunes, 2010; Souza, 2009).

Segundo Castro (2003) a influência da Escola Nova contribuiu para o fortalecimento do diálogo entre ensino e biblioteca, tanto para atender aos alunos no processo de aprendizagem, como para auxiliar na formação dos professores. Observou-se esse fato quando Fernando de Azevedo assumiu a direção da Instrução Pública do Distrito Federal, lançando as bases para organização das bibliotecas nas escolas cariocas e quando Anísio Teixeira o substituiu criando a Biblioteca Central de Educação (BCE), em 1932 e a Biblioteca Infantil, em 1934. Conforme Nunes (1987) comenta:

[...] a ênfase na especificidade do espaço escolar levava a gestão de Anísio Teixeira a considerar com especial atenção as bibliotecas... na obra de 'desbravamento moral e intelectual' que a geração de educandos e reformadores acreditavam realizar (Nunes, 1987, p. 354).

⁸ Foi um escritor e crítico brasileiro, conhecido principalmente por suas obras infantojuvenis, como *O Sítio do Picapau Amarelo*. Sua literatura abordou temas sociais e políticos, com forte crítica à realidade brasileira. Além de escritor, Lobato teve grande influência como editor e tradutor, contribuindo para o desenvolvimento cultural do Brasil. Sua obra, embora controversa, é um marco da literatura nacional (Valente, 2009).

Paralelamente, o Instituto *Mackenzie* incorpora ao ensino paulista o modelo pedagógico americano o que o fazia diferente dos demais colégios da época adotando a liberdade de ensino religioso, inclusão social e política, disponibilizando ensino a filhos de abolicionistas, republicanos protestantes, judeus e mulheres. Além disso, havia adoção de salas mistas, eliminação de castigos físicos, esporte para mulheres e um ensino centrado na compreensão.

Nesse cenário, em 1929, o Instituto *Mackenzie* criou um elementar Curso de Biblioteconomia, inspirando-se no modelo norte-americano e enfatizando os aspectos técnicos da profissão de Biblioteconomia, ministrando aulas laboratoriais na biblioteca do próprio instituto, chamada George Alexander, partindo do conceito da pedagogia nova que não admitia mais o ensino imposto, e, sim, o aprendizado ativo e funcional, ou seja o aluno “[...] realizando o próprio aprendizado sob as vistas amigas e ponderadas do mestre” (Galhanone, 1934, p. 128 *apud* Vidal, 2011, p. 510).

Este curso foi ministrado pela bibliotecária norte-americana Dorothy Murriel Gropp, que veio ao Brasil com a finalidade de reorganizar todo o acervo da biblioteca do Instituto Mackenzie, introduzindo novos procedimentos nos catálogos e na localização dos livros nas estantes enquanto a bibliotecária efetiva Adelpha Rodrigues de Figueiredo⁹ estava se especializando nos Estados Unidos.

Enquanto isso, no Brasil começava um período de autoritarismo que duraria um período de 1930 até 1945, com a ascensão ao poder de Getúlio Vargas. De acordo com Cunha (2011), nos cinco anos iniciais da era Vargas foram desenvolvidas duas políticas educacionais, uma autoritária, pelo governo federal, e outra liberal, pelos governos do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse período já havia no Brasil três universidades, no Rio de Janeiro (em 1920), em Minas Gerais (em 1927) e no Rio Grande do Sul (em 1934).

Em meio à intensa agitação política e cultural da elite paulista, comprometida com um projeto de modernização da sociedade e buscando uma reafirmação política, fundou em 1933, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, constituída como uma fundação de direito privado, cujos cursos não pretendiam obter reconhecimento de privilégio ocupacional pelo Estado.

Os cursos da nova escola eram destinados não só aos indivíduos desejosos

⁹ Nascida em São Paulo, formou-se em Odontologia (na Faculdade de Odontologia de São Paulo) e em Música (no Conservatório de *Lausanne* – Suíça), foi diretora da Biblioteca do Instituto *Mackenzie* até 1936, posteriormente participou da criação do curso de Biblioteconomia em São Paulo, atuando como professora até 1960, e da Associação Paulista de Bibliotecários. Faleceu em 1966 (Penteado, 1968 *apud* Castro, 2000).

de aperfeiçoar estudos já realizados e aprofundar conhecimentos, mas aos que quisessem preparar-se para “ocupar posições de relevo na administração das grandes empresas particulares”... ou para os que buscassem “colaborar na direção dos negócios públicos, como técnicos ou como depositários de mandatos eleitorais” (Cunha, 2011, p. 167).

Enquanto no Rio de Janeiro, a educadora Cecília Meireles¹⁰, uma das fundadoras da Escola Nova, criava, em 1934, o Centro Cultural Infantil¹¹, com o intuito de ser a Biblioteca Infantil do então Distrito Federal adaptada ao modelo norte-americano, com um acervo composto de 720 obras e 2.781 documentos gráficos (gravuras), selos e moedas, além de ter espaço reservado para atividades artísticas e de pesquisas pedagógicas. Lôbo (2010) ainda acrescenta:

A funcionalidade da decoração das salas, ambientadas para cada seção, trazia uma inovação surpreendente e espetacular: o mobiliário. A sala de leitura, toda organizada com estantes de livros e mesas ao alcance da criança, coloridas, com potes de barros com flores... O acervo da biblioteca infantil foi cuidadosamente escolhido por Cecília, que já vinha se dedicando ao tema de livros para crianças e adolescentes e realizando uma pesquisa sobre o assunto desde 1931 (Lôbo, 2010, p.55).

O ano de 1934 também é considerado um marco na divulgação dos pensamentos de Otlet e La Fontaine, sobre os princípios da Documentação e sua importância para a organização da informação produzida pela humanidade, mudando a concepção do documento, ao entendê-lo como um registro do conhecimento humano, tirando o formato livro do foco e colocando outros objetos sob tal perspectiva, como os objetos tridimensionais (Juvêncio, 2016).

O Curso de Biblioteconomia do Instituto *Mackenzie* encerra suas atividades com a criação em 1936, do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo por Rubens Borba de Moraes¹², com apoio dentre outros de

¹⁰ Renomada poetisa, escritora e professora brasileira, considerada uma das maiores figuras da literatura nacional. Sua obra abrange poesia, literatura infantil e crônicas, destacando-se pela sensibilidade e musicalidade. Participou ativamente do movimento modernista e é conhecida pela profundidade emocional e filosófica de seus textos. Além disso, foi uma das primeiras mulheres a conquistar reconhecimento literário no Brasil (Lôbo, 2010).

¹¹ A Biblioteca infantil foi desativada em 1937, localizava-se no Pavilhão Mourisco, transformou-se depois em um posto de coleta de impostos. Posteriormente ficou abandonada por vários anos até ser destruída em 1952, na administração de Henrique Dodsworth (Lôbo, 2010).

¹² Nascido em Araraquara (SP), graduou-se em Letras (Universidade de Genebra – Suíça), foi Diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, do Centro de Informações da ONU (em Paris) e da Biblioteca da ONU (em Nova York), integrou o Conselho da Biblioteca Central da Universidade de Brasília exercendo a função de professor do Curso de Biblioteconomia. Faleceu em 1986 (Castro, 2000).

Adelpha Rodrigues de Figueiredo. Este curso foi o primeiro a nível universitário e que consolidou, sistematizou e normalizou as atividades de ensino desenvolvidas na Biblioteca Municipal da cidade, sendo transferido por questões políticas, em 1940, para a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, que tinha como um dos fundadores Rubens de Moraes.

Existia uma concepção naquele momento de “nova biblioteca” entre os intelectuais atuantes na área de biblioteconomia o que levou à aprovação da Lei 2.839 de 5 de janeiro de 1937, conhecida como a Lei das Bibliotecas, que instituía que só seria admitido como bibliotecários quem apresentasse diploma de Curso Superior em Biblioteconomia, exceto para cargos em pequenas bibliotecas que seria exigido diploma de curso secundário. De acordo com Souza (1995 *apud* Castro, 2000) os bibliotecários brasileiros não adotaram essa lei quando criaram os Cursos e Escolas nas décadas seguintes, sendo uma das causas do declínio do modelo norte-americano no Brasil.

Segundo Mueller (1985, p. 5) “[...] o Instituto Nacional do Livro, criado em 1937, também contribuiu muito para a difusão das técnicas de biblioteconomia, promovendo cursos regulares e avulso, alguns dos quais também se transformaram em cursos permanentes”, como o que ocorreu em Belo Horizonte e Curitiba. Com a expansão do ensino superior, esses cursos viriam a se desenvolver e serem incorporados às universidades.

5 INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA NA BIBLIOTECONOMIA (1940-1961)

Na década de 1940, a educação voltada à área de Biblioteconomia teve um grande avanço técnico devido a alguns aspectos, tais como abertura de concursos especializados, a reforma da Biblioteca Nacional, o aperfeiçoamento de técnicos brasileiros nas universidades americanas, a criação de um serviço nacional de catalogação cooperativa e a ampliação das oportunidades de acesso ao ensino.

O Curso da Escola Livre de Sociologia Política, após parceria realizada com a *Rockefeller Foundation*, ampliou suas atividades concedendo bolsas de estudos a candidatos de outros Estados que contribuíram para fundação de Escolas de Biblioteconomia em diversas cidades brasileiras, conforme descritas na Quadro 1.

Quadro 1 – Escolas de Biblioteconomia no Brasil criadas entre os anos de 1940 e 1961 que continuam em atividade

Ano	Estado	Instituição
1940	SP	Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, atual Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP. Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
1942	BA	Escola de Biblioteconomia e Documentação – UFBA, atual Instituto de Ciência da Informação – UFBA. Curso de Biblioteconomia e Documentação/Curso de Arquivologia.
1945	SP	Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCCAMP.
1947	RS	Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, atual Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) – UFRGS.
1950	PE	Curso de Biblioteconomia da Universidade de Pernambuco – UFPE, atual Departamento de Ciência da Informação – UFPE.
1950	MG	Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, atual Escola de Ciência da Informação. Curso de Biblioteconomia – UFMG.
1957	RJ	Escola de Biblioteconomia e Documentação Santa Úrsula da PUC/RJ, atual Instituto de Tecnologia da Informação. Curso de Biblioteconomia. Universidade Santa Úrsula – USU/RJ.
1959	SP	Curso de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos, atual Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/SP. Departamento de Ciência da Informação e Biblioteconomia.
1960	PR	Curso Técnico em Biblioteconomia – Pontifícia Universidade Católica – Paraná.
1961	DF	Faculdade de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, atual Faculdade de Ciência da Informação. Curso de Biblioteconomia – UNB.

Fonte: (Burin, 2009; Castro, 2000).

Com a reforma da Biblioteca Nacional, em 1944, resultou em modificações significativas no curso de Biblioteconomia do Rio de Janeiro, não mais privilegiando o caráter humanista e erudito, marca da BN, mas incorporam definitivamente, no ensino os aspectos técnicos americanos trazidos pelos bibliotecários, funcionários da BN, que realizaram cursos de especialização nos EUA. Um dos grandes responsáveis por essa mudança foi Rubens Borba de Moraes, quando foi nomeado em 1946, diretor geral da BN, após ter sido afastado da Biblioteca Municipal de São Paulo.

No Brasil, após o fim da Era Vargas, em 1945, houve um processo de redemocratização do país e em clima de maior liberdade, onde possibilitaram alguns

avanços definitivos como a criação da Capes¹³, do CNPq¹⁴ e de várias campanhas educacionais e propostas pedagógicas como, em 1950, a implantação da Associação *Montessori* do Brasil pela professora Piper de Lacerda Borges; e a inauguração em Salvador do Centro Popular de Educação (Centro Educacional Carneiro Ribeiro) pelo pedagogo Anísio Teixeira (1900-1971), dando início a sua ideia de escola-classe e escola-parque; em 1952, Lauro de Oliveira Lima (1921-2013) inicia em Fortaleza, no Ceará, uma didática baseada nas teorias de Jean Piaget (1896-1980) (Souza, 2009).

Embora a formação dos bibliotecários no Brasil tenha sido fortemente influenciada pelo modelo norte-americano entre 1940 e 1961, outras iniciativas internacionais também impactaram a profissão. Em 1954, foi criado o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atualmente Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), sob recomendação da UNESCO. Seu objetivo era coletar e disseminar informações científicas, tanto nacionais quanto estrangeiras, promovendo um novo perfil de bibliotecário mais voltado à mediação da informação (Burin, 2009). A criação do IBBB/Ibict reflete uma ampliação das funções bibliotecárias, indo além da formação técnica tradicional, predominantemente influenciada pelo pragmatismo norte-americano até então vigente no ensino da Biblioteconomia no Brasil.

A fim de promover debates científicos da área da informação, em 1954, um grupo de bibliotecários organizou o Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, realizado em Recife. A partir de 1959, em Salvador, o termo Documentação foi adotado ao nome do evento, tornando-se Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Nesse período o estudo sobre Documentação já começava a ter grande força nacionalmente, não apenas no Rio de Janeiro.

Segundo Castro (2000) cada escola de Biblioteconomia nessa década de 1950 exigia do governo uma melhoria quantitativa a uniformização de suas unidades propondo o anexo delas às universidades a fim de garantir a existência de melhor corpo docente e inclusão de estagiários nas bibliotecas da Universidade. De acordo com Burin (2009) na época da criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia no Brasil, na década de 1940, não existia um currículo único. Em função da diversidade dos currículos e da duração dos

¹³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* em todos os estados do país (Fonte: Portal Brasil. Disponível: www.brasil.gov.br).

¹⁴ Criado em 1951 o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros (Fonte: Portal CNPq. Disponível em: <http://cnpq.br>).

cursos, a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB)¹⁵, criada em 1959, engajou-se na regulamentação dos cursos de Biblioteconomia no Brasil adaptando-os por meio da unificação dos modelos pedagógicos norte-americano e europeu a partir de 1962.

6 RESULTADOS

A análise do impacto do modelo norte-americano de biblioteconomia revelou que a importação desse modelo, sem a devida adaptação à realidade brasileira, resultou em um distanciamento significativo entre o que era ensinado e as necessidades do país. Embora tenha ocorrido um grande avanço na formação dos bibliotecários com a introdução do ensino superior, a mudança não foi imediata. A eliminação das escolas de nível técnico e a dinamização dos cursos, nos anos seguintes, permitiram que os profissionais passassem a ser mais capacitados, com ênfase em habilidades práticas e preparações para as demandas do mercado.

Entre as décadas de 1940 e 1960, a expansão das instituições de ensino para fora do eixo Rio-São Paulo foi um marco importante, trazendo novas lideranças regionais que influenciaram o desenvolvimento da profissão. O perfil dos bibliotecários também passou a mudar, com maior foco no treinamento e na capacitação profissional. O profissional deixou de se limitar às tarefas técnicas, buscando uma atuação mais proativa, alinhada com as exigências de uma sociedade em processo de modernização.

Além disso, a evolução da ciência e da tecnologia, juntamente com a incorporação dos princípios da documentação, trouxe novos desafios para a profissão. Houve uma demanda crescente por bibliotecários especializados, capazes de lidar com o crescente volume de informações e com a necessidade de sistemas mais eficientes de organização e recuperação de dados. O papel do bibliotecário passou a ser visto não apenas como o de um guardião de livros, mas como um gestor da informação, fundamental para o desenvolvimento cultural e educacional do país.

A seguir o Quadro 2 traz uma comparação dos modelos de ensino de Biblioteconomia

¹⁵ A FEBAB foi criada em 26 de julho de 1959, como uma sociedade civil sem fins lucrativos, cuja missão é defender e impulsionar a profissão (Burin, 2009).

Quadro 2 – Comparativo dos modelos de ensino de Biblioteconomia

ASPECTOS	MODELO NORTE-AMERICANO	MODELO EUROPEU	IMPACTOS NO BRASIL
ENFOQUE	Técnico e Administrativo	Teórico e Científico	Distanciamento das necessidades práticas do país
ADAPTAÇÃO	Limitada	Mais flexível e voltada para a realidade local	Necessidade de adaptação ao contexto brasileiro
RESULTADO	Formação de profissionais voltados para gestão	Formação voltada para pesquisa e teoria	Evolução na capacitação, mas com desafios iniciais
PONTOS POSITIVOS	Estruturação do ensino e modernização das bibliotecas	Formação mais adaptada à realidade local	Melhoria na qualidade da formação e atuação profissional
PONTOS NEGATIVOS	Desconexão com as necessidades locais	Menos ênfase nas demandas do mercado	Inicial resistência à adaptação, distanciamento das demandas culturais e sociais

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os resultados confirmam que, apesar das limitações iniciais, a adaptação do modelo norte-americano à realidade brasileira foi crucial para a evolução da Biblioteconomia no Brasil. A introdução de novos princípios e a qualificação dos profissionais permitiram à profissão se tornar mais dinâmica e alinhada às necessidades educacionais e culturais do país.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo norte-americano de Biblioteconomia, embora aplicado de forma indiscriminada no Brasil, provocou transformações significativas na formação dos bibliotecários ao longo do tempo. A falta de adaptação inicial às realidades sociais, econômicas e culturais do Brasil gerou um distanciamento entre o ensino e as necessidades locais. No entanto, com o tempo, a implementação do ensino superior na área e a eliminação das escolas de nível técnico permitiram a criação de um perfil mais qualificado e proativo de bibliotecários.

A expansão do ensino fora do eixo Rio-São Paulo nas décadas de 1950 e 1960 e a formação de novas lideranças regionais foram marcos importantes, refletindo mudanças nas demandas profissionais. A busca por uma atuação mais estratégica e a incorporação dos avanços da ciência e tecnologia modernizaram as práticas de Biblioteconomia,

resultando em uma profissão mais alinhada com as exigências de um Brasil em transformação. A partir dessa evolução, a Biblioteconomia brasileira conseguiu consolidar uma identidade própria, mais adaptada às necessidades do país.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.12, n. 16, p. 38-63, 2011. DOI: 10.5752/P.2237-8871.2011v12n16p38

BURIN, Camila Koerich. **O ensino de biblioteconomia na região sul do Brasil**: análise dos projetos pedagógicos dos cursos a luz das diretrizes curriculares nacionais. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92221/269321.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CASTRO, César Augusto. Ensino e biblioteca: diálogo possível. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 63-72, jan./abr., 2003

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino superior e universidade no Brasil. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 151-204.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FIGUEIRA, Patrícia Ferreira Fernandes. **Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil**: estudo sobre os guias do mestre da série graduada de leitura Pedrinho. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/2082.pdf. Acesso em 16 ago. 2024.

FLICK, Uwe. (2013). **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: Um Guia para Iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FONSECA, Edson Nery da. **Reformulação do currículo de Biblioteconomia no Brasil**. Brasília: Faculdade de Biblioteconomia e Documentação da UNB, [196-]. Mimeo.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **Manoel Cícero Peregrino da Silva, a Biblioteca Nacional e as origens da Documentação no Brasil**. 2016. 2 v. 341 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade Ciência da Informação, Universidade de Brasília – UFB, Brasília, 2016. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/handle/10482/22530>. Acesso em: 13 jun. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996. (Coleção Repertórios)

LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010. (Coleções Educadores)

MAZUCATO, Thiago (Org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018.

MULLER, Suzana Pinheiro M. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun., 1985. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/222/222>. Acesso em: 13 jun. 2024.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010. (Coleções Educadores).

NUNES, Clarice. Historiografia da educação e as fontes. **Revista de Educação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 20-36, jul./dez. 1987.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre, théorie et pratique. Bruxelles: Éditions Mundaneum, 1934.

PORTAL BRASIL. Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 13 jun. 2024.

PORTAL CNPq. Disponível em: <http://cnpq.br>. Acesso em: 13 jun. 2024.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Uma análise sobre a identidade da biblioteconomia**: perspectivas históricas e objeto de estudo. 2.ed. Recife: Ed. do Autor, 2012.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009

SOUZA, Sebastião de. **Dimensões atuais da Biblioteconomia no Brasil**: um estudo através de suas tendências no Brasil. 1987. 200 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, 1987.

VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal**: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923). 2009, 772f. (Tese em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2009

VIEIRA, Afonso Valter. As tipologias, variações e características da pesquisa de Marketing. **Revista da FAE**, v.5, n.1, p.61-70, jan./abr. 2002. Disponível em [http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v5_n1/as_tipologias_variacoes .pdf](http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v5_n1/as_tipologias_variacoes.pdf). Acesso em: 19 set., 2024.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 497-517.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, 2000, v. 14, n. 2, p. 37-43. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9786.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024.

APÊNDICE A – OBRAS DE PAUL OTLET E HENRI LA FONTAINE REGISTRADAS NA LIBRARY OF CONGRESS

As obras listadas a seguir foram consultadas a partir da base de dados da Library of Congress, a fim de exemplificar a contribuição teórica de Paul Otlet e Henri La Fontaine à organização do conhecimento e à documentação científica.

1.1 Obras de Paul Otlet

OTLET, Paul. **Classification décimale universelle, études et projets**: les subdivisions communes, rapport préliminaire de M. Paul Otlet. Bruxelles, 1932.

OTLET, Paul. **Réforme des bibliographies nationales et leur utilisation pour la Bibliographie universelle**. Bruxelles: Administration de la "Bibliographie de Belgique", Institut international de bibliographie, 1906.

OTLET, Paul. **État actuel de l'organisation bibliographique internationale**. Bruxelles: Au siège de l'Institut, 1906.

OTLET, Paul. **Comment classer les pièces et documents des sociétés industrielles**. Bruxelles: Auxiliaire bibliographique; impr. de l'Institut international de bibliographie, 1901.

OTLET, Paul; LA FONTAINE, Henri. **Bibliographia sociologica. Sociologie et droit. Sozialwissenschaft un recht. Sociology and law. Sommaire méthodique des traités et des revues, dressé conformément à la Classification décimale**. Bruxelles: Larcier, 1895.

OTLET, Paul. **Répertoire bibliographique universel et la coopération internationale dans les travaux bibliographiques**. Bruxelles: Au siège de l'institut, 1900.

OTLET, Paul. **International organisation and dissemination of knowledge**: selected essays of Paul Otlet. Amsterdam; New York: Elsevier, 1990.

OTLET, Paul. **Classification comparée**. Bruxelles, 1919.

OTLET, Paul. **Organisation internationale de la bibliographie et de la documentation**. Bruxelles: Palais mondial, 1920.

OTLET, Paul. **Organisation internationale du livre, de la bibliographie et de la documentation**. Paris: Jouve & cie, 1925.

OTLET, Paul. **Moyens de documentation en France: bibliothèques, catalogues et bibliographies, offices de documentation**. Paris: Institut international de bibliographie, Bureau de Paris, [192-?].

OTLET, Paul. **Manuel de la bibliothèque publique**. Bruxelles: Typo-litho. D. Van Keerberghen & Fils, 1930.

OTLET, Paul. **Sur la bibliothèque mondiale**. Bruxelles, 1928.

OTLET, Paul. **Sciences bibliographiques et la documentation**. Bruxelles: Institut international de bibliographie, 1903.

OTLET, Paul. **Organisation rationnelle de l'information et de la documentation en matière économique**. Bruxelles: Hayez, 1905.

OTLET, Paul. **Organisation de la documentation administrative**. Bruxelles, 1914.

OTLET, Paul. **Récentes transformations du livre et ses formes futures**. Mainz, 1925.

OTLET, Paul. **Avenir du livre et de la bibliographie**. Bruxelles: Établissements généraux d'imprimerie, 1911.

OTLET, Paul. **Traité de documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique**. Bruxelles: Éditions Mundaneum, 1934.

OTLET, Paul. **Manuel de la documentation administrative**. I. Principes généraux: rapport présenté au I^{er} Congrès international des sciences administratives (Bruxelles 1923).

1.2 Obras de Henri La Fontaine

LA FONTAINE, Henri. **État actuel des questions bibliographiques et l'organisation internationale de la documentation**. Bruxelles, 1908.

LA FONTAINE, Henri. **Conférence bibliographique internationale**. Bruxelles: Impr. veuve F. Larcier, 1895.

LA FONTAINE, Henri. **Création d'un Répertoire bibliographique universel**. Bruxelles, 1895.

NOTAS

ORIGEM DA PESQUISA

O trabalho foi originalmente desenvolvido em 2018 como parte da disciplina Educação Brasileira durante o Mestrado em Educação na Universidade Federal de Sergipe (UFS). No ano seguinte, foi selecionado para compor um capítulo de livro pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mas o projeto acabou não sendo concretizado. Em 2024, no contexto do meu Doutorado, realizei uma revisão aprofundada deste manuscrito, com o objetivo de submetê-lo para publicação neste veículo especializado na área de Ciência da Informação.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver interesses conflitantes.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS¹⁶

A pesquisa não possui dados. O artigo não contém dados coletados ou obtidos por meio de análises a partir de fontes primárias.

ANUÊNCIA DE AVALIAÇÃO ABERTA

(X) Deseja interagir diretamente com o avaliador caso este também concorde, durante o processo de avaliação do manuscrito?

LICENÇA DE USO

As autorias cedem à *Revista Encontros Bibli* os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Edgar Bisset Alvarez, Patrícia Neubert, Genilson Geraldo, Camila De Azevedo Gibbon, Jônatas Edison da Silva, Luan Soares Silva, Marcela Reinhardt e Daniela Capri.

HISTÓRICO

Recebido em: 19-10-2024 – Aprovado em: 30-07- 2025 – Publicado em: 26-09-2025

¹⁶ Prefira usar repositórios de confiança que estejam indicados no diretório de repositório de dados R3Data ([link externo](#)) ou confira a lista de repositórios ([link externo](#)), caso a revista esteja no SciELO é possível usar o SciELO Data ([link externo](#)). Entre escolher um repositório multidisciplinar ou específico, escolha o mais usado em sua área que represente o conteúdo, e que seja FAIR (localizável, acessível, interoperável, e reutilizável).

